

Editorial

FILOSOFAR METE MEDO

A Revista **Reflexão** dando continuidade ao questionamento da filosofia, focaliza, neste número, os dilemas da produção filosófica. Temos ciência de que a filosofia precisa constantemente interrogar-se sobre si mesma, sobre sua função, seu papel, seus serviços. Essas perguntas inquietadoras são talvez a razão pela qual a filosofia, como diz Valério Rohden no artigo que abre esse número, inspira o medo entre os próprios filósofos, entre a opinião pública, e no Estado, que teme a verdade. O que há de irreverente e de crítico na filosofia para que se tenha medo dela ?

A história da filosofia tem sido também a história da hostilidade contra ela, contra todo o pensamento crítico. Veja-se o caso do filósofo chinês Li Tchê que viveu na clandestinidade no século XVI. Filósofo “maldito” na sua época, foi recentemente “reabilitado” pelos chineses que releam diferentemente sua própria história. Li Tchê escreveu dois livros: **O livro a ser queimado** e **O livro a ser escondido**. Traduzindo a resistência, a luta e os anseios do seu povo não é de estranhar que tenha sido hostilizado pela “sabedoria oficial” confucionista que inspirava a “ordem” escravocrata.

Parece que a filosofia inspira medo também aos filósofos. Impossível para o filósofo caminhar entre a subserviência e a resistência. A opção pela subserviência o leva a legitimar o poder, mas, dialeticamente, está também traíndo a quem serve, porque é impossível mostrar sem esconder ou esconder sem mostrar. A resistência, por outro lado, que inspira a filosofia, que se nega a ser serva ou parasita, só desabrocha na medida em que não é fruto de uma “alma solitária”, mas faz avançar solidariamente a busca da liberdade. Contra o ideal positivista da filosofia sem alma, da filosofia sem interesse, parece evidenciar-se, cada vez mais, a filosofia como ponto de vista, a filosofia como “engajamento”, como diz Ricoeur.

Por tudo isso, a filosofia, filosofar, mete medo. Porque é impossível filosofar sem atenção, sem projeto político, sem tirar da obscuridade as questões fundamentais da condição humana. Pensar, numa época em que essas questões fundamentais se tornaram secundárias diante da sobrevivência e do esquecimento geral pela vida, mete medo. Filosofar mete medo ainda porque já não é mais possível pensar **sobre** as coisas sem envolver-se profundamente nelas. Pensar assim, perturba. Filosofar, inco-
moda.

A REDAÇÃO